

DO GRANDE SALTO À “DESMAOIZAÇÃO”:

20 ANOS DE HISTÓRIA CHINESA

Paula Nabuco*

Resumo:

Este artigo busca compreender os vinte anos de história chinesa compreendidos entre adoção do Grande Salto Adiante até o balanço da Revolução Cultural com a mudança de orientação do Partido Comunista Chinês no final da década de 1970. Os resultados ruins do Grande Salto na agricultura e a fome que se seguiu. A campanha de reeducação socialista, bem como os enfrentamentos e as campanhas de mobilização que deram origem à Revolução Cultural. Seu balanço e as disputas internas no Partido Comunista Chinês que levaram à profundas mudanças nos rumos da transição socialista chinesa.

Abstract

This article intends to present the twenty years of chinese history between de Big Leap Forward and the Cultural Revolution and the changes in the Chinese Communist party by the end of 1970's. The bad agriculture results of the Big Leap Forward and the hungry that came after it. The socialist education campaign and the shocks that brought the Cultural Revolution. As its results and the Chinese Communist party disputes that changed the chinese transition to socialism.

Área Temática 2: História Econômica e Economia Brasileira
2.2. História Econômica Geral
Seções Ordinárias

1. INTRODUÇÃO

Entre 1958 e 1978 a China viveu tempos de grandes mudanças políticas, econômicas e sociais, com diversos avanços e retrocessos. A experiência de execução do Primeiro Plano Quinquenal, cuja adoção foi inspirada no modelo da União Soviética, tinha sido bem sucedida na reorganização e crescimento do produto industrial, mas enfrentou problemas graves e não obteve bons resultados no setor agrícola, o que tinha sérias conseqüências dada a composição da população chinesa na ocasião (cerca de 80% da população vivia no campo).

O Grande Salto Adiante foi uma tentativa de reverter os problemas com a execução do plano aprofundando a coletivização com a construção de comunas e era baseado no compromisso do povo chinês com a transição para o socialismo. Apesar das grandes mobilizações promovidas pelo Grande Salto os resultados econômicos não foram satisfatórios, especialmente no que se refere ao incremento na produção grãos. Seus resultados e o balanço realizado pelo governo a partir de 1961, ano do fim do Grande Salto, mudaram as orientações do Partido Comunista Chinês.

As reviravoltas posteriores ao Grande Salto levariam a criação de uma campanha pela retomada dos valores socialistas. Os enfrentamentos políticos e divergências geradas pelos

* Agradeço os comentários e sugestões do Prof. Marcelo Carcanholo, as insuficiências deste texto, no entanto, são de minha inteira responsabilidade. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Economia- UFF.

resultados do Grande Salto Adiante e da campanha de reeducação acabaram gerando as mobilizações e choques que constituiriam a tônica do período da Revolução Cultural.

Motivo de muita controvérsia, a Revolução Cultural Chinesa foi marcada por grandes mobilizações políticas e pela derrubada de diversas antigas tradições chinesas. Os distúrbios e atos de violência da campanha dos Quatro Velhos, lema da revolução, são característicos deste processo. Mas a Revolução Cultural também incluía um esforço de aprofundamento dos valores socialistas, nas palavras usadas pelo presidente Mao, novas experiências na gestão de fábricas e de melhoria da produção no campo.

Os desdobramentos do período final da Revolução Cultural e a avaliação feita pelo Partido Comunista Chinês de seus efeitos sobre a sociedade chinesa marcaram a grande inflexão política sofrida pelo processo de transição chinês no final da década de 1970 que levaria à adoção das reformas preconizadas por Deng Xiaoping e seu grupo político e que dariam origem ao ciclo de crescimento chinês que já dura 30 anos. O objetivo deste artigo é apontar a trajetória de construção do socialismo nestes vinte anos (1958-1978) e como este projeto é abandonado a partir do balanço feito da Revolução Cultural e início das Quatro Modernizações.

2. O GRANDE SALTO ADIANTE

Entre o final de 1957 e início de 1958 o Partido Comunista da China (PCCh) viveu uma fase de grandes expurgos. Milhares de membros do partido nas cidades tinham sido enviados ao campo para serem reeducados e a luta interna na cúpula do partido se ampliara, com o setor ligado a Mao tentando derrubar a direção colegiada, que havia sido instituída no último congresso, uma derrota política que era fruto dos problemas do processo de coletivização no campo.

Há entre os estudiosos da história chinesa muita controvérsia sobre as intenções de Mao ao estimular e liderar o movimento de retificação. Para alguns foi um mecanismo para fazer com que os direitistas chineses se “acusassem”, facilitando o controle político do país. Outros entendem a atitude do líder chinês como uma tentativa de, a partir do apoio político obtido junto à população e os intelectuais em “troca” de seu apoio ao movimento, reverter a derrota sofrida no VIII Congresso do PCCh com a instituição do colegiado. Também não se pode negligenciar os efeitos do Relatório Krushev tanto sobre os membros do partido quanto entre os intelectuais e estudantes chineses. A União Soviética estava em xeque, enquanto exemplo a ser seguido pelo povo chinês, e o PCCh, na figura de seus dirigentes, precisava lidar com isso.

O Grande Salto Adiante é fruto deste cenário conturbado de disputas e tensões políticas internas e internacionais, além da necessidade de dar resposta aos problemas da economia chinesa, especialmente no campo. O Grande Salto foi uma tentativa de reverter os resultados agrícolas ruins do Primeiro Plano Quinquenal, seu objetivo era fazer a produtividade no campo aumentar através

de incentivos morais e da mobilização dos chineses com a participação direta dos dirigentes locais do PCCh.

O plano de Mao, que tinha como inspiração a mobilização através da reforma agrária promovida em Yan'an ainda na época da luta contra os japoneses e o Guomintang, contava com o apoio de importantes dirigentes chineses, como Deng Xiaoping, secretário geral do PCCh, e Liu Shaoqi, considerado, na ocasião, o mais provável sucessor de Mao. O elemento central nos planos do Grande Salto era a mobilização política da nação. De acordo com Marconi:

“(...) decretou-se que era possível transformar as relações de produção antes que as forças produtivas tivessem atingido um desenvolvimento elevado. Como se conseguiria essa transformação? Através da mobilização política, que tornaria possível ultrapassar a Inglaterra em três anos e os Estados Unidos em quinze. ‘Mais rápido, melhor e mais economicamente’, esta seria a consigna do Grande Salto Adiante.” (MARCONI, 1999, pp. 115-6)

O Grande Salto Adiante foi um grandioso plano de mobilização de massas; em menos de um ano mais de 500 milhões de camponeses chineses integraram-se a 26.000 comunas nas quais não havia qualquer tipo de propriedade privada. Todas as tarefas relacionadas com o dia-a-dia destes trabalhadores, desde cuidar das crianças, das roupas até o preparo dos alimentos era feito pela comuna. Com os grandes deslocamentos de homens para as obras de irrigação no campo, era fundamental fazer com que as mulheres assumissem o trabalho nas cooperativas, ainda que longe de casa. Para tanto, era necessário criar condições para o deslocamento destas multidões de trabalhadoras, e a “coletivização” do trabalho doméstico foi a solução encontrada. Ainda no final de janeiro de 1958, 100 milhões de camponeses já tinham assegurado a irrigação de 7,8 milhões de hectares de terra. A coletivização total atingiu a agricultura, indústria, artesanato e comércio, a estrutura das comunas tinha inspiração militar, com divisões em batalhões, companhias, brigadas e regimentos.

Em um esforço nacional para aumentar a produção industrial, algumas fábricas foram removidas para o campo. O intuito era fazer com que os camponeses aprendessem as técnicas usadas na indústria e também aproveitá-los neste tipo de trabalho durante as entressafras. Isso diminuiria a pressão migratória sobre os centros urbanos chineses incapazes de absorver, naquela ocasião, os trabalhadores necessários para o salto industrial que constava na meta do Terceiro Plano Quinquenal. Esperava-se que o aumento da produção agrícola, que era o setor central do plano, impulsionasse o crescimento da produção industrial.

Depois de uma boa colheita no verão de 1958, que serviu de estímulo aos planos chineses, o Comitê Central do PCCh passou a considerar as comunas como o caminho adequado para fazer avançar a construção socialista e o desenvolvimento da China. Estimava-se que a produção agrícola do país fosse dobrar em 1958. Posteriormente, quando foi feito o balanço, o total anunciado da

produção de grãos para o ano de 1958 de 375 milhões de toneladas teve que ser revisto para 250 milhões e depois para modestos 200 milhões. Nenhum dos responsáveis pela contagem queria se arriscar a indicar que a meta não havia sido atingida, e sofreram com a alcunha de direitistas ou derrotistas. O resultado foi que, naquele ano, as cotas em praticamente todas as localidades foram formalmente atingidas. Algum tempo depois ficou patente que elas não refletiam a realidade. Logo após a campanha anti-direitista do final de 1957 havia um temor generalizado de que qualquer indicação de insucesso do Grande Salto pudesse ser interpretada como desvio pequeno-burguês ou tentativa de boicote ou derrotismo.

Em dezembro de 1958 as cerca de 740.000 cooperativas que existiam no campo até as mobilizações do Grande Salto tinham se transformado em 26.000 comunas que abrangiam 99% da população camponesa do país. A China contava também com cerca de 1 milhão de fornos siderúrgicos de “quintal”, que tinham baixa produtividade, contabilizavam um sem número de acidentes na produção e cujos produtos eram, em geral, de baixa qualidade.

Discutiam-se também novos mecanismos e regras para distribuição e consumo entre os camponeses, visando aumentar a produção e assegurar a alimentação dos trabalhadores das comunas. Em um de seus principais textos sobre o Grande Salto, Mao sugeria a adoção das sugestões feitas pelos camaradas de Hupei nos seguintes termos:

“Sob a base da produção e distribuição de 1957, futuros aumentos devem ser divididos na proporção 40/60 (i.e. 40% para os membros da comuna e 60% para acumulação da comuna), 50/50 ou 60/40 (i.e. 60% para os membros da comuna e 40% para acumulação. Em lugares onde a produção e a renda tiverem atingido o nível de camponeses médios saudáveis, depois de grandes divergências e discussões e depois do consenso ter sido obtido entre as massas, o aumento na produção deve ser dividido na proporção 30/70 (i.e. 30% para os membros da comuna e 70% para acumulação da comuna) ou não ser dividido por um ou dois anos para aumentar a acumulação na preparação para o Grande Salto Adiante. Todas as regiões são chamadas à discutir a adequação desta sugestão.” (MAO, 1958, pp. 125-6)

Os camponeses também eram enviados para regiões remotas do país em busca de jazidas de urânio e petróleo, e em todos estes casos estavam submetidos à mesma concepção, de que a mobilização e a força moral das massas seriam capazes de tudo, segundo a insígnia propagandeada pelo partido sob direção de Mao de “alcançar a Inglaterra em 15 anos”¹. O próprio Mao apontava, em um discurso da mesma época, que havia muita divergência sobre o ritmo a ser adotado no processo de coletivização, com alguns defendendo um processo gradual e outros, transformações mais aceleradas. Mas o dirigente chinês argumentava que era melhor aproveitar para “fazer a forja enquanto o aço ainda estava quente”.

¹ Em praticamente todos os textos de Mao do período do Grande Salto Adiante (especialmente no transcurso do ano de 1958) aparece referência ao slogan, que foi o lema do Grande Salto Adiante, de “superar o atraso econômico da China e alcançar a Inglaterra em 15 anos” a partir da mobilização do povo chinês.

Segundo Mao a construção socialista era necessariamente um processo de revolução permanente², que uma revolução deveria suceder a outra, avançando continuamente. Por isso, logo após a libertação em 1949 - dizia ele - veio a reforma agrária, seguida pelas pequenas cooperativas e, posteriormente, pelas maiores. Depois de sete anos foi concluída a coletivização e seguiu-se a revolução técnica.

Durante o Grande Salto também foram criadas comunas populares, cerca de 30 milhões de camponeses receberam armas de fogo criando uma espécie de “força armada” paralela ao Exército Popular de Libertação (EPL). Os chineses também se mobilizaram para derrubada de construções antigas e posterior construção de um verdadeiro complexo de abrigos antiaéreos por causa do temor de um ataque nuclear por parte dos Estados Unidos.

Apenas um dos dirigentes chineses chegou a fazer uma crítica formal ao Grande Salto. Adiante ainda durante sua execução, foi o marechal do EPL e ministro da defesa, Peng Dehuai, em julho de 1959. Apontando as fraudes nos dados compilados sobre o desempenho da economia do país ao longo do ano de 1958 (especialmente sobre a colheita de grãos) e também as péssimas condições de vida dos camponeses por toda a China. Depois da crítica, Peng foi acusado de direitista e de tentar sabotar a construção socialista e removido do ministério da defesa.

Mas a verdade sobre a escassez de alimentos era visível por todo o país, a fome se alastrava pela China, e a insistência em recolher grande parte da produção para assegurar a acumulação agravava a já difícil situação. Em 1957 a média de grãos disponíveis por habitante da China (por ano) no campo era de 207 quilos, em 1958 caiu para 201, reduzindo-se para 183 quilos em 1959 e atingiu desesperadores 156 quilos em 1960. A escalada da fome era assustadora, em 1961 a proporção de grãos chegou a 154 quilos.

Estimativas indicam que durante o Grande Salto cerca de 20 milhões de chineses morreram de fome (há estimativas que apontam 30 milhões) e os dados sobre a composição etária da população levam a crer que a maior parte dos mortos tanto durante, quanto depois do período do Grande Salto era de crianças de até 10 anos, que sofriam mais intensamente com a subnutrição. Não há dados precisos sobre o número de mortos no período posterior ao Salto, que sucumbiram em função da falta de alimentos. Mas a tabela abaixo mostra que, apesar do forte impulso cultural para procriar, a população chinesa estava encolhendo. No caso de algumas províncias, cujos dados reproduzimos abaixo, a situação era ainda mais grave, as províncias a oeste do país, historicamente mais pobres sofreram mais, como é o caso de Sichuan e Gansu, mas também havia províncias como Anhui e Shandong, que ficam no extremo oriente chinês, a região mais rica do país, que também viviam uma situação bastante penosa.

² No discurso que trata deste tema na Suprema Conferência de Estado, em janeiro de 1958, Mao faz questão de salientar que não entendia a revolução permanente nos mesmos termos defendidos por Trotsky; a divergência refere-se, segundo ele, basicamente ao momento adequado para a Revolução Democrática ao longo do processo.

Províncias com crescimento negativo da população 1959-61 (em milhares)

Localidades	1959	1960	1961
China		- 4,57	
Anhui		-57,20	
Gansu		-25,79	
Guangxi		-10,06	-1,77
Guizhou		- 9,41	-0,21
Henan		-25,58	
Hubei		- 5,00	
Hunan		-9,43	-4,97
Liaoning			-0,30
Qinhai		-27,66	
Shandong		- 4,10	-0,25
Sichuan	-30,26	-42,24	
Yunnan		- 2,07	-17,61

Fonte: Shu Chang-Sheng, 2004, p. 125.

No outono de 1959 a colheita de grãos foi inferior à de 1958, a diferença era de 30 milhões de toneladas. Temerosos com possíveis retaliações, os funcionários informaram que as metas tinham sido atingidas e como a cota fixada pelo Estado era de 40% da produção, quando foi feito o recolhimento, faltou alimento para entregar aos trabalhadores das comunas. Nas localidades em que a colheita foi pior o recolhimento do Estado chegou ao total produzido. A reprodução deste procedimento a cada nova colheita gerou uma situação de verdadeira calamidade.

“No campo, os projetos de irrigação e as práticas rurais equivocadas, fruto da ignorância e da inexperiência, haviam arruinado o solo. As tentativas de obrigar os camponeses a trabalhar dia e noite, acabaram por deixá-los exaustos. A isto deve-se acrescentar uma seqüência de catástrofes naturais ao longo de três anos, que liquidaram as colheitas. A partir de meados de 1960, se tornou evidente que o resultado do tremendo esforço imposto às massas foi um grande fracasso. Não apenas havia sido freado o formidável impulso econômico gerado durante os primeiros 8 anos depois da tomada do poder, como entre 1959 e 1961, o povo chinês havia retrocedido a um nível de pobreza que tinha começado a esquecer.” (MARCONI, 1999, p. 123)

Em 1960 as comunas do campo foram estendidas às cidades, foram criadas 1.027 comunas que contavam com 52 milhões de chineses. As comunas urbanas mobilizavam trabalhadores para produção, em pequena escala, de bens de consumo e peças para as fábricas. Com a piora dos resultados no campo, o partido voltara-se para as cidades na tentativa de reverter a situação. Mas as penosas condições de vida da população fizeram renascer atividades que a China tinha, senão abolido, pelo menos reduzido significativamente. Passaram a ser registrados saques aos depósitos do Estado, roubos no campo, abandono das comunas para realização de pequenos cultivos privados e criação de animais, mendicância, estabelecimento de um mercado paralelo de alimentos e prostituição.

O período do Grande Salto foi marcado por diversos acontecimentos também em âmbito internacional. Em 1959 começou a Guerra do Vietnã e no mesmo ano os chineses derrotaram o movimento “separatista” tibetano, o Dalai Lama e cerca de 100.000 pessoas se refugiaram na Índia³. Em 1960 depois de muitas controvérsias, idas e vindas, a China rompeu relações com a União Soviética. Este rompimento tornou as circunstâncias ainda mais difíceis no país. Imediatamente, a União Soviética retirou todos os seus técnicos e equipamentos da China e exigiu o pagamento imediato dos débitos dos chineses com o país.

O rompimento sino-soviético e as avaliações sobre o Salto deram a tônica dos debates na China do início da década de 60 do século passado. O contraste entre as opções da União Soviética e da China sobre o andamento de seus processos de modernização era patente. Na China, a aposta na vontade política e no fervor revolucionário para superar os limites econômicos ao desenvolvimento do país não se coadunavam com a posição mais gradualista e mesmo cautelosa dos planejadores soviéticos, que viam com desconfiança as decisões dos dirigentes chineses que levaram à adoção do Grande Salto.

O fracasso e posterior balanço do Grande Salto impôs severas mudanças nos rumos adotados pelo PCCh. Segundo as avaliações do partido iria demorar algum tempo até que a agricultura retomasse os patamares de produção anteriores ao Grande Salto. Havia 30 milhões de jovens camponeses que tinham sido deslocados para as cidades chinesas e que, segundo as novas diretrizes do partido, deveriam retornar ao interior. As recomendações incluíam também o fechamento de pequenas indústrias ineficientes estabelecidas durante estes anos. Uma pequena parcela das terras agrícolas (cerca de 6%) seria devolvida aos camponeses na forma de pequenas propriedades privadas, e também foi autorizada a reabertura de pequenos mercados rurais particulares, além disso, as cotas de produção voltaram a ser de responsabilidade de unidades familiares.

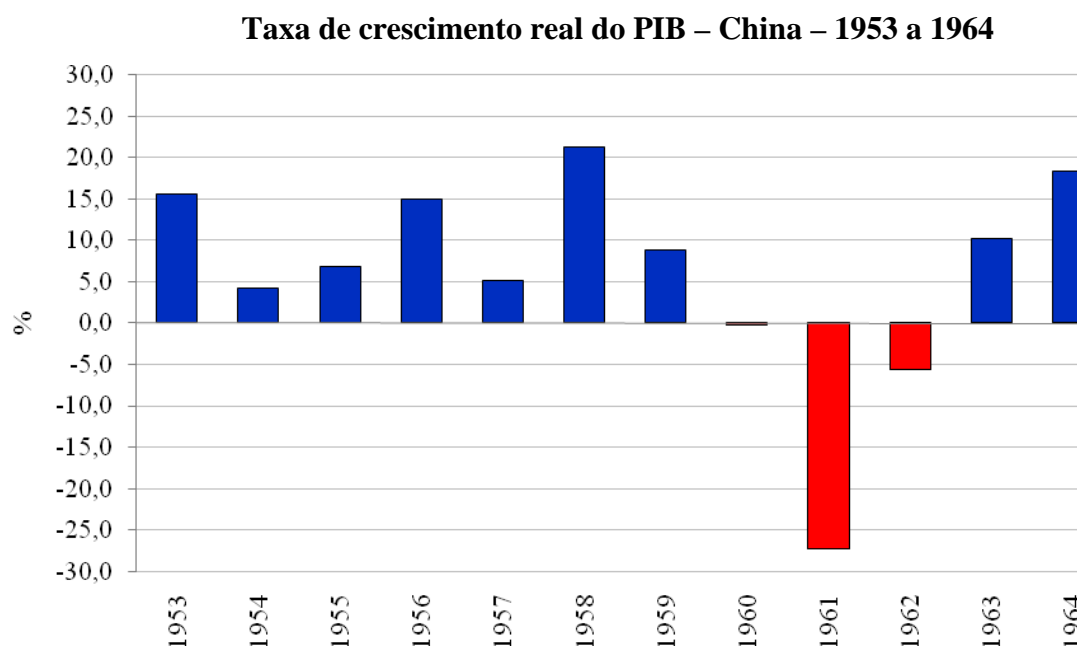
O setor que se opunha a Mao, liderado por Liu Shaoqi, Zhou Enlai e Deng Xiaoping obteve uma significativa vitória na cúpula do partido. Com isso começou um processo de desmonte das comunas, combinado com a autorização para que os camponeses, além da pequena produção privada, tivessem acesso a incentivos à produção em dinheiro e firmassem contratos para uso de equipamentos na produção rural. Com o fim do Grande Salto Adiante, Mao renunciou a todos os seus cargos, mantendo apenas a presidência do Comitê Central, sua principal base de apoio (e talvez a única naquele momento) era o exército, que se mantinha fiel às diretrizes do líder chinês. Sobre Mao pesavam as acusações, feitas por outros dirigentes, de ignorar a realidade econômica do país, buscando governá-lo baseado apenas em convicções políticas e no voluntarismo disseminado entre as massas.

³ A questão sobre o pertencimento ou não do Tibet à China é motivo de muita controvérsia e escapa ao escopo deste trabalho.

3. A REEDUCAÇÃO SOCIALISTA E O INÍCIO DOS CHOQUES

Os anos de 1962 e 1963 foram de grandes dificuldades, a necessidade de simular o cumprimento das metas levou a um aumento na corrupção entre os quadros do partido e ainda era preciso reestruturar a produção no campo e na cidade. Em 1962 Liu Shaoqi declarou que os três anos do Grande Salto exigiriam oito ou dez anos de recuperação, depois de muito sofrimento do povo chinês e dos anos de fome. (MEZZETI, 2000) O gráfico, logo abaixo, mostra os efeitos da política do Grande Salto sobre a taxa de crescimento do produto interno bruto chinês. Depois de 1958, ano do início desta política, a queda é bastante acentuada, o que também ocorreu em 1959 e nos anos posteriores até 1962.

Em função dos graves problemas enfrentados pelo país, os dirigentes chineses concordaram em instituir um grande programa de reeducação socialista, cujo objetivo era restabelecer os valores básicos do socialismo. A luta de classes seria destacada como o eixo da luta pela construção do socialismo e foi iniciada a campanha das “quatro faxinas”: dos métodos de contabilidade, dos estoques nos celeiros, sobre a propriedade e do sistema de distribuição de pontos na troca de trabalho compensatório por diversas tarefas nas comunas.



Fonte: China Statistical Yearbook 2003.

O grupo que preconizava a Campanha de Reeducação Socialista era composto por Mao Zedong, Liu Shaoqi, Zhou Enlai e Deng Xiaoping, e apesar da aliança em torno da campanha, a desconfiança entre eles persistia. Em maio de 1963 o comitê central do Partido Comunista editou uma resolução em dez pontos. Esta tinha como fundamento a reafirmação do marxismo-leninismo,

crítica aos camponeses ricos, aos direitistas, à corrupção e apontava a necessidade de aprofundar os conhecimentos do marxismo, especialmente no campo, “libertando” a filosofia das salas de aula e levando-a para junto das massas⁴. Não tardou para que as disputas na cúpula dirigente do partido se manifestassem na execução da campanha de reeducação.

Mao, além da campanha de reeducação, lançaria outras três campanhas relacionadas até 1965, educação revolucionária para a juventude, educação socialista no campo e vigilância sobre os intelectuais, que eram vistos por ele como os portadores do projeto de restauração burguesa. Todas estas campanhas encontraram resistência no partido.

Outra campanha lançada por Mao, e que se tornou uma palavra de ordem foi, “Aprender com Daqing”. Daqing era uma localidade na inóspita província de Heilongjiang, onde durante as explorações do Grande Salto, foram encontrados grandes campos petrolíferos, que foram muito importantes para a economia chinesa. O lema referia-se ao esforço realizado pelos trabalhadores para assegurar a exploração dos campos. Munidos de equipamentos precários, enfrentando baixíssimas temperaturas (Heilongjiang fica no extremo norte da China), os trabalhadores conseguiram fazer funcionar a extração de petróleo durante a década de 1960 e eram apresentados como um grande exemplo de esforço para todo o povo chinês. Em 1963 Daqing chegou a extrair 4,4 milhões de toneladas de petróleo, um verdadeiro feito naquelas circunstâncias. Muitos dos trabalhadores que atuaram em Daqing foram posteriormente transferidos para funções de planejamento, sob os auspícios do grupo de Mao. Foram as grandes jazidas de Daqing que asseguraram um substantivo incremento da extração petrolífera chinesa, que em 1965 era equivalente a dez vezes aquela de 1957 e a extração de gás natural crescera 40 vezes, o que reduzia substantivamente a dependência da China em relação ao fornecimento soviético.

De um modo geral, o recuo em relação à política do Grande Salto apresentava um saldo positivo em 1965. Milhões de trabalhadores tinham retornado ao campo e o governo tinha fechado mais de 25.000 empresas. Estes fechamentos levaram a uma queda na produção de alguns insumos industriais como cimento, carvão e aço. A indústria leve registrou um crescimento de 27% e a pesada de 17%. O orçamento do governo saiu de um déficit de 8 bilhões de yuans para um superávit de 1 bilhão de yuans em 1965. (SPENCE, 2000, p. 561)

Os resultados no campo também eram alentadores, agora organizados em pequenas comunas com 20 a 30 famílias e com direito a pequenas parcelas de terra para produção privada, a pressão sobre a produção de grãos cessou e os níveis da produção agrícola atingiram níveis semelhantes àqueles anteriores ao Grande Salto. A tabela abaixo mostra a gravidade da situação durante e depois daqueles anos.

⁴ Em um texto de 1964, intitulado “Conversa sobre questões de filosofia”, Mao Zedong questiona como poderia a filosofia sair dos livros e afirma que “Os três componentes básicos do marxismo são o socialismo científico, a filosofia e a economia política. O fundamento é a ciência social, a luta de classes.” (ZIZEK (org), 2008, p. 207).

Produção de principais produtos agrícolas 1958-1966 (em milhões de ton.)

<i>Ano</i>	<i>Grãos</i>	<i>Algodão</i>	<i>Oleaginosos</i>
1958	200,00	1,97	4,77
1959	170,00	1,71	4,10
1960	143,50	1,06	1,94
1961	147,50	0,80	1,81
1962	160,00	0,75	2,00
1963	170,00	1,20	2,46
1964	187,50	1,66	3,37
1965	194,53	2,10	3,63
1966	214,00	2,34	Nd.

Fonte: Shu Chang-Sheng, 2004, p. 129

A queda na produção agrícola fora muito acentuada durante o período do Grande Salto e apesar da retomada posterior, a produção de grãos só chegou novamente a níveis comparáveis aos de 1958 em 1966. A situação da produção de algodão era um pouco melhor, mas a de oleaginosos foi ainda pior que a de grãos e só retomaria os patamares de 1958 em 1970, quando chegou a 3,77 milhões de toneladas.

Ainda em 1964 foi publicada a primeira edição dos Pensamentos de Mao, o *Livro Vermelho* que foi distribuído como texto de estudos obrigatório do Exército de Libertação Popular, e se tornaria, a partir de 1966, o manual dos guardas vermelhos durante a Revolução Cultural. Entre o final deste ano e janeiro de 1965, Mao em uma conferência de trabalho, fez duras críticas à forma como Liu Shaoqi lidou com a campanha de reeducação socialista e nomeou o “Grupo dos 5” um grupo de formação política e propaganda. O grupo contava com muito mais membros do que seu nome faz crer e era dirigido por Peng Zhen, um antigo dirigente do partido e prefeito de Beijing ligado a Liu. O exército, por seu turno, inspirado pelo *Livro Vermelho* e sob o comando de Lin Biao aboliu todos os postos e retirou as insígnias das fardas, como exemplo do igualitarismo que deveria vigorar em toda a China. Deixou assim de existir qualquer distinção entre os soldados e o oficialato.

4. A REVOLUÇÃO CULTURAL

Em setembro de 1965, membros do partido ligados a Mao acusaram um escritor chinês chamado Wu Han de desvios burgueses. Hu pedia o fim das injustiças no campo, e isto foi interpretado como um ataque a coletivização. Os partidários de Mao afirmavam que Wu era um exemplo de “erva venenosa anti-socialista” e, apoiados pelo exército, defendiam que se os trabalhadores chineses não ocupassem os espaços nas artes e na literatura, os burgueses o fariam. Assim começava a Grande Revolução Cultural Proletária.

A partir de então, foram criadas equipes de trabalho que se dirigiram às universidades para divulgar a ideologia comunista entre os alunos e professores. Não demorou até que aparecessem os primeiros *dazibaos*⁵ nas universidades chinesas com críticas ao partido e que começassem os distúrbios. Ao longo de 1966, a situação evoluiu rapidamente. Em maio, um informe ao comitê central pedindo cautela na Revolução Cultural foi repudiado. O que se seguiu foi o início de um processo de expurgo que começou pela burocracia cultural. Diversos quadros foram removidos de funções de direção no Ministério da Cultura, mas não tardou até que os expurgos atingissem outras esferas do partido e do Estado. O caso da expulsão do partido de Pen Zhen, prefeito de Beijing, foi emblemático.

Deng Xiaoping e Liu Shaoqi, entre outros, tentaram enviar grupos de trabalho às universidades para refrear os distúrbios, mas a situação evoluía rapidamente. Em pouco tempo as mobilizações atingiram as escolas secundárias e os grupos de estudantes se organizavam, usando braçadeiras para identificação. Logo eles passaram a se autodenominar Guardas Vermelhos, a vanguarda do movimento revolucionário chinês.

No dia 12 de agosto, na XI Plenária do Comitê Central, Mao retomou sua posição na cúpula do partido acusando Liu e Deng de tentarem usar seus grupos de trabalho para reforçar o controle central. Nesta mesma plenária foi aprovada a “Decisão sobre a Grande Revolução Cultural” um documento que propugnava a destruição das quatro antiguidades (ou quatro velhos): antigas idéias, hábitos, cultura e costumes, que seria o lema da Revolução Cultural. Além disso, estimulava os chineses a aprenderem com a revolução, ampliar a produção, promover mudanças organizativas e no comportamento individual, em prol do coletivo.

Os chineses foram conclamados a fechar as escolas para que os jovens pudessem aprender com a revolução, e a mobilização crescia rapidamente, sob lemas como: “é preciso destruir para poder construir” e “a rebelião é justificada”. Durante o final de 1966 cerca de 50 milhões de jovens se deslocaram pelo país, atacando quadros do PCCh, destruindo arquivos de escolas e universidades, submetendo professores e intelectuais à crítica pública e sobrecarregando o sistema de transportes e a infraestrutura de Beijing, para onde parcela significativa (os dados são divergentes, mas a cifra ultrapassa a casa dos milhões) destes jovens se deslocou. Esta grande mobilização dificultou o transporte da produção de alimentos pelo país e a remessa de auxílio para o Vietnã do Norte, que desde 1965 combatia os Estados Unidos em seu território e no Vietnã do Sul.

Não tardou até que antigos quadros da oposição à Mao fossem derrubados, Liu Shaoqi, Deng Xiaoping e Pen Jen, dentre outros, caíram em desgraça. A Universidade de Beijing foi fechada e permaneceria assim por três anos, além disso, alunos, professores e funcionários foram estimulados (ou obrigados) a trabalhar no campo para diminuir a distância entre o trabalho

⁵ A tradução literal do termo em chinês é jornal de grandes caracteres.

intelectual e manual. Prédios, bibliotecas, símbolos religiosos e obras de artes eram destruídos e queimados.

Em 1967, Mao e Lin Biao conclamaram o EPL a participar das mobilizações de massa, tomar o partido e expurgar o espírito capitalista do país. O objetivo era formar comitês revolucionários locais por toda a China e assegurar o rompimento das alianças entre os militares e dirigentes regionais do partido. Este processo levou a diversos enfrentamentos entre os Guardas Vermelhos e dirigentes partidários.

Uma das experiências mais importantes da Revolução Cultural ocorreu em Shanghai. A cidade encontrava-se paralisada desde o início dos enfrentamentos, Guardas Vermelhos e o Quartel General dos Trabalhadores de Shanghai disputavam a posição de dirigente revolucionário da cidade. A situação começou a mudar quando um dos quadros dirigentes da Revolução Cultural, Zhang Chunqiao, se deslocou para Shanghai e aliado a alguns grupos de trabalhadores locais e com a ajuda de Yao Wenyuan, um dos quadros do partido na cidade, conseguiu tomar o controle de jornais e da estrutura local partidária. Depois de grandes comícios e mobilizações de massa, e com a ajuda do EPL, Zhang conseguiu fazer com que os trabalhadores voltassem às fábricas sob o slogan “Agarrando a revolução e promovendo a produção”, estabelecendo assim a Comuna de Shanghai.

4.1 A EXPERIÊNCIA DAS COMUNAS

As mobilizações em Shanghai, conformaram o primeiro grande protesto de trabalhadores desde a tomada do poder pelos comunistas e inspiraram diversas outras manifestações com o mesmo caráter por toda a China. No norte do país, em Qingdao, Tianjin e Dairen, os protestos pararam a produção e os portos destas cidades. As greves portuárias se estenderam ao sistema ferroviário do país e rapidamente todo o comércio interno e externo chinês estava praticamente parado. Não demorou para que os trabalhadores seguissem o exemplo dos Guardas Vermelhos e fossem à Beijing para apresentar suas reivindicações.

Enquanto isso, Shanghai dava início à aplicação de novos métodos de organização da indústria, inspirados nas comunas do Grande Salto, no estímulo à mobilização política e no compromisso revolucionário dos trabalhadores. As referências à experiência do Grande Salto eram explícitas, bem como à necessidade de derrotar a linha direitista que queria suprimir as transformações econômicas promovidas pelo Grande Salto. Segundo Charles Bettelheim:

“Ainda aqui, após as tentativas feitas entre 1959 e 1966 pelos partidários da linha de Liu Shaoqi para reduzir a importância das modificações econômicas e sociais efetuadas durante o Grande Salto para frente, a Revolução Cultural permitiu a retomada da ofensiva socialista, conduzida numa escala sem precedentes, especialmente no domínio da industrialização rural. Desde então essa ofensiva começou a mudar seriamente a vida nas províncias chinesas. Também aqui, a Revolução Cultural questiona a milenar divisão do trabalho, e mais especificamente a divisão entre província e cidade, divisão sobre a qual se edificaram as divisões das classes sociais. Dessa forma a Revolução Cultural proletária representa uma luta ideológica e política cujos efeitos se inscrevem na base econômica e na superestrutura, destruindo as antigas relações sociais e fazendo com que surjam novas.” (BETTELHEIM, 1979, p.9)

Escrito logo depois do final da Revolução Cultural o livro citado acima sumariza os métodos de organização dos trabalhadores empregados durante a Revolução Cultural pelas Comunas. São descritos dois tipos de organização industrial: uma fábrica dirigida por uma organização de trabalhadores e indústrias dirigidas pelo Estado e as experiências feitas por ambas neste período.

A Revolução Cultural representava, portanto, o aprofundamento e a reedição dos esforços coletivistas do Grande Salto. Apesar do recuo político, posterior aos resultados econômicos desanimadores do esforço chinês, Mao conseguira voltar à carga com o projeto das comunas apoiado agora pelo exército e pela juventude chinesa. Em um discurso na praça Tiananmen em novembro de 1966, aos Guardas Vermelhos, Mao declarou que “você devem pôr a política no comando, ir para junto das massas, e estar junto delas. Você devem conduzir a Grande Revolução Cultural Proletária ainda melhor.” (MAO, 1975, V. VIII, p. 139).

Uma das primeiras medidas da nova forma de organização fabril durante a Revolução Cultural foi a supressão das funções de direção. Antes, o critério para atribuição de funções era a competência técnica, o que impedia a direção da fábrica por parte dos operários. Além disso, como destacou um operário entrevistado por Bettelheim era a

“(...) economia que estava no comando, o que significa: prioridade à produção, um sistema de estímulos materiais (gratificações), em que os especialistas *experts* tendiam a dirigir a fábrica dando prioridade à técnica, ao dinheiro e ao lucro.” (BETTELHEIM, 1979, p.34)

Os objetivos declarados da Revolução Cultural na reorganização da produção eram: a transformação no papel dos quadros dirigentes, mudanças na direção das fábricas, estímulo à construção da moral e do comportamento proletário, orientados pela concepção de que os interesses conjuntos da revolução deveriam estar acima dos interesses individuais.

Unidades de produção sob a direção de organizações de massa foram criadas em diversas localidades do país. Em 1969, a mobilização em uma fábrica de Beijing eliminou o comitê do partido na fábrica substituindo-o por grupos de gestão operária que trabalhavam em conjunto com os guardas vermelhos e comitês revolucionários.

Aos grupos de gestão operária cabia a orientação, retificação e controle do trabalho ideológico, além da verificação do trabalho de produção, das questões financeiras e materiais, além da segurança do trabalho. Aos Guardas Vermelhos (cuja organização era anterior ao estabelecimento dos grupos de gestão operária) cabia o controle sobre os grupos, ajuda na direção de cada equipe, organização de grupos de estudo e contraposição às idéias legalistas. Os Guardas Vermelhos eram eleitos individualmente, levando em consideração o nível ideológico dos candidatos, e não formavam um grupo regular com atividades sistemáticas, atuavam segundo as necessidades da fábrica. Finalmente, o Comitê Revolucionário deveria zelar pela correta aplicação da política definida, e era um grupo ligado ao comitê do partido na fábrica. Os comitês eram compostos por trabalhadores que mantinham suas funções na produção das fábricas e que, assim como os Guardas Vermelhos, eram eleitos pelos trabalhadores, o número de membros do Comitê Revolucionário também era decidido pelos operários.

Algumas fábricas, depois do processo de expurgos, também contavam com comitês do partido, mas estes foram substituídos no processo da Revolução Cultural com base nas resoluções adotadas pelo XI Congresso do Partido Comunista da China. As mudanças na estrutura do partido e nos respectivos comitês foram significativas. De acordo com dados do verão de 1971, de 1.119 fábricas no município de Shanghai, dentre os 4.532 dirigentes dos comitês do partido nestas fábricas apenas 37% eram dirigentes antes da Revolução Cultural e a maioria dos novos membros dos comitês também era de filiados ao partido. (BETTELHEIM, 1979, p.51)

Aqueles que cometiam erros, pequenos ou graves, ou ainda que segundo avaliação dos comitês, dos Guardas Vermelhos, ou seus pares na fábrica, eram considerados revisionistas e precisavam passar por um processo de reeducação eram enviados, durante a Revolução Cultural, para alguma das Escolas 7 de Maio. Estas escolas eram erguidas do nada pelos primeiros trabalhadores que chegavam. Inicialmente eles construíam lugares para servir de abrigo, cavavam poços e preparavam a terra para ser semeada. Como normalmente estes trabalhadores não entendiam nada sobre o trabalho no campo eram incitados a aprender com os camponeses sobre o trabalho manual e a valorizá-lo, além de estudar e discutir os textos de Marx, Lênin e Mao.

Inúmeros chineses foram enviados ao campo para acabar com seu “comportamento revisionista ou legalista”. Em pouco tempo, as pessoas passaram a sofrer acusações desta natureza por qualquer razão, desde conflitos entre vizinhos até casos de exercício de alguma profissão mal vista. Os processos no mais das vezes resultavam em ida aos campos de reeducação, prisão ou execução. A patrulha ideológica dos Guardas Vermelhos e a violência na cidade e no campo cresciam assustadoramente. Os acusados, durante o processo de investigação, eram pressionados em sistemáticas sessões de estudo do pensamento de Mao, e eram compelidos a “confessar” suas práticas burguesas. Em julho de 1967, a violência piorou. Mao fizera um chamado às armas e os

jovens chineses passaram a saquear comboios militares que levavam armas para o Vietnã do Norte e a cercar os soldados para tomar suas armas.

Como apontado por Losurdo (2004), parte dos dirigentes chineses, entre eles Mao, entendiam que para assegurar simultaneamente o avanço econômico e a construção do socialismo, era necessário superar uma nova etapa do processo revolucionário, que serviria para libertar as iniciativas das massas dos empecilhos burocráticos, ainda que estes viessem do partido ou do Estado. Uma vez suprimida ou minorada a mediação entre o partido e o Estado, como ocorreu durante a Revolução Cultural, restava apenas a ligação entre o líder (neste caso Mao) e as massas mobilizadas, processo que Losurdo definiu como bonapartista.

“O ‘Grande Salto’ e a ‘Revolução Cultural’ não levaram em conta o processo de secularização: não se pode apelar permanentemente e eternamente à mobilização, abnegação, ao espírito de renúncia e sacrifício, ao heroísmo das massas. Este apelo pode constituir a exceção, não a regra. Poder-se-ia dizer com Brecht: ‘benditos os povos que não têm necessidade de heróis.’” (LOSURDO, 2004, p. 37)

Este entendimento da política e do estímulo moral das massas como condicionantes para a construção do socialismo e do avanço econômico foi a tônica das formulações maoístas e da atuação do grupo político de esquerda no PCCh. Em suas entrevistas e descrição do processo de reorganização da produção chinesa, Bettelheim (1979) oferece diversas mostras disso. Segundo o autor, a partir da Revolução Cultural, o desenvolvimento das forças produtivas na China passou a prescindir de acumulação prévia e passou a ter como fundamento as inovações produzidas pelas massas. Em contraste com a estrutura do modo de produção capitalista, no qual as transformações técnicas se assentam sobre a acumulação de capital prévia e na predominância do trabalho morto sobre o trabalho vivo, na China este processo (de desenvolvimento das forças produtivas socialistas) estava submetido à ação dos trabalhadores. Outro fator destacado nas transformações chinesas, aponta Bettelheim (1979), é o avanço rápido de pequenas e médias empresas. De acordo com dirigentes chineses este tipo de estrutura produtiva prescindiria da grande acumulação prévia de meios de produção.

Dadas as precárias condições do sistema educacional chinês (que foi literalmente desmontado durante a Revolução Cultural) e das dificuldades enfrentadas pelos camponeses mesmo para ter acesso à alfabetização, em 1949 cerca de 80% da população chinesa era de analfabetos e este número no campo era ainda mais alto. Ao longo das duas décadas posteriores a situação da educação no país teve alguma melhora, mas no campo a proporção de analfabetos ainda era elevadíssima (mais de 80%). Não foi sem razão que as escolas de reeducação foram instaladas no campo e dirigidas pelos camponeses e que praticamente todo o trabalho intelectual foi considerado contra-revolucionário ou direitista durante a Revolução Cultural chinesa. Somente a partir de 1976,

o Estado chinês teve condições de reorganizar os setores de educação, pesquisa, ciência e tecnologia.

5. O SALDO DA REVOLUÇÃO CULTURAL E O PROCESSO DE TRANSIÇÃO

Há certa controvérsia a respeito do marco que determinaria o fim da Revolução Cultural chinesa. Formalmente o IX Congresso do PCCh declarou terminada a Revolução em abril de 1969, mas muitos autores assumem que a Revolução Cultural perdurou de 1966 a 1976. Ainda que depois de 1969 as mobilizações de massa tenham refreado, há uma certa continuidade que justifica este entendimento.(LOSURDO, 2004, p.64)

Em 1971 Lin Biao morreu em um acidente aéreo na Mongólia, o que causou muitas desconfianças. O PCCh começava a se reorganizar em torno da nova Constituição, que havia sido aprovada em 1969, e tinha forte inspiração maoísta. Por outro lado, começava a luta interna pela sucessão de Mao e, à medida que o partido se fortalecia, diminuía o poder do exército e velhos dirigentes retomavam seu espaço na direção do país. Nesta ocasião Deng Xiaoping, que caíra em desgraça logo no início da Revolução Cultural, volta à cena com a anuência de Mao. Ele ainda não possuía o mesmo prestígio político nem retomara os cargos que tivera antes, mas para muitos dos velhos dirigentes isso tinha voltado a ser uma possibilidade real.

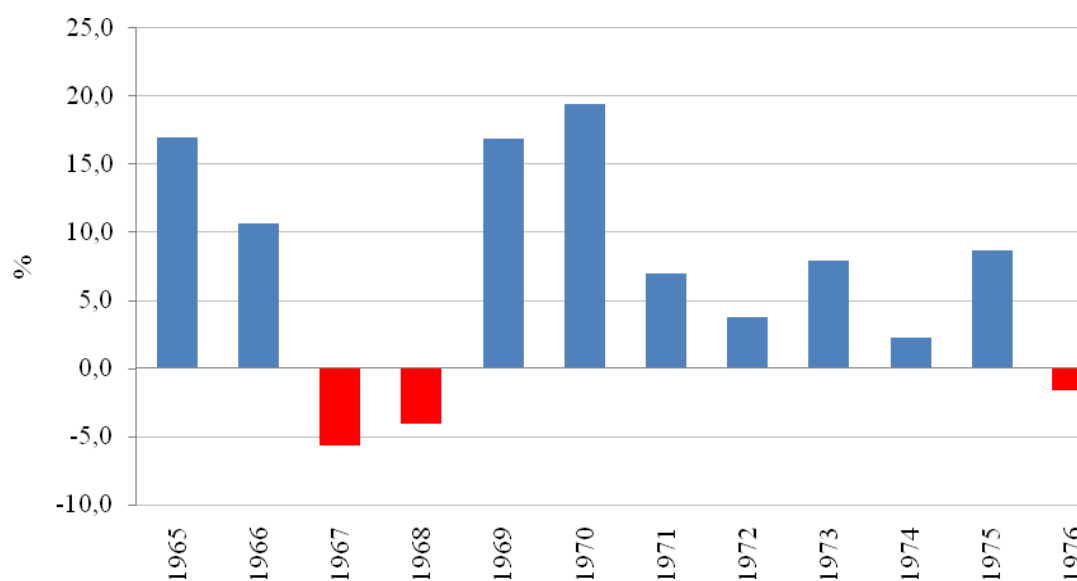
No mesmo ano, depois de intensos debates, que giravam em torno do isolamento político internacional que a Revolução Cultural tinha provocado, Zhou Enlai obteve autorização para estabelecer conversações com os Estados Unidos, ainda em caráter sigiloso. A primeira reunião secreta com Henry Kissinger em Beijing aconteceu em meados de 1971. Era o fim das declarações inflamadas contra o imperialismo. Além disso, o restabelecimento de relações diplomáticas com os Estados Unidos também tinha relação com a participação de Taiwan na Organização das Nações Unidas, que se devia ao apoio dos norte-americanos. Em julho deste ano, depois de algumas reuniões, a China ingressou oficialmente na ONU e passou a ocupar um assento no Conselho de Segurança da entidade. Isso significava que Taiwan estava automaticamente excluída de ambas as instâncias internacionais.

Não tardou até que a China formalizasse a retomada das relações com os EUA, o Comunicado de Shanghai foi assinado em 1972, durante uma visita do presidente norte-americano Richard Nixon ao país. Além de cumprir papel diplomático, o comunicado incluía questões internacionais, especialmente relacionadas com a Coreia, Vietnã e Taiwan, declarações de respeito mútuo e as bases para que fossem realizadas trocas entre os países em áreas como ciência, tecnologia, esportes, cultura e principalmente comércio.

Os efeitos da Revolução Cultural sobre a economia chinesa são muito diversos. No que se refere à produção industrial, apesar de algumas oscilações relevantes no período, as mobilizações dos trabalhadores e a manutenção de rígidos controles com uso inclusive do exército nas fábricas, a produção não teve reduções significativas. No campo a situação foi diferente, os enfrentamentos provocados pela “vigilância dos guardas vermelhos” e os deslocamentos de trabalhadores fizeram a produção variar bastante ao longo do período.

O produto interno bruto (PIB) chinês apresentou taxas de crescimento mais ou menos vigorosas durante todo o período da Revolução Cultural. A exceção foram os anos de 1967, 1968 e 1976 com taxas de crescimento negativas, os anos de 1967 e 1968 compreendem exatamente o período mais violento da Revolução Cultural, que foi seguido por uma dura intervenção do exército, e da declaração formal de encerramento da Revolução. Mesmo com as conturbações deste período (1965-1976), houve um crescimento significativo, como mostra o gráfico abaixo.

Taxa de crescimento real do PIB – China – 1965 a 1976



Fonte: China Statistical Yearbook 2003.

O comércio exterior da China ao longo destes anos permaneceu estável, mas ainda era bastante pequena a participação do país nas trocas internacionais. Somente a partir de 1972 as exportações e importações começam a apresentar uma trajetória de crescimento estável. O resultado da balança comercial, a partir de 1972 é de déficit, mostrando recuperação em 1976, ano do fim da Revolução Cultural, e o saldo do período (1966-1976) só é positivo por causa dos bons resultados do último ano.

Comércio da China de unidades industriais (em milhões de dólares)

Ano	Exportações Totais	Importações Totais	Balança Comercial
1966	2210	2035	175
1967	1960	1955	5
1968	1960	1825	135
1969	2060	1835	225
1970	2095	2245	-150
1971	2500	2310	190
1972	3150	2850	300
1973	5075	5225	-150
1974	660	7420	-760
1975	7180	7395	-215
1976	7265	6010	1255
1977	7955	7100	855
1978	10260	10650	-390

Fonte: Spence, 2000, p.599.

Não é apenas o período de duração da Revolução Cultural chinesa que gera diferentes interpretações, seu caráter político e as transformações na organização da produção experimentadas na China ou, como indicou Mao, a revolução permanente chinesa e seus sucessos e fracassos também são motivo de inflamadas divergências até hoje.

Marconi (1999), por exemplo, aponta que o processo da Revolução Cultural foi um tipo de acerto de contas entre os setores que disputavam a direção do PCCh e do Estado chinês desde a Revolução de 1949. Para a autora, a divisão se deu ainda na época da luta contra a Guomintang em 1926 quando os partidários de Liu Shaoqi faziam trabalho clandestino nas chamadas “zonas brancas” controladas pelos nacionalistas e depois pelos japoneses. Enquanto Mao e seus aliados fizeram a opção pela guerrilha e iniciaram a Longa Marcha. Marconi defende ainda que este foi um claro processo de luta pelo poder, encoberta pelas demandas ligadas à cultura e que fugiu ao controle e adquiriu uma dinâmica própria.

Juntamente com o X Congresso o partido lançou uma nova campanha cujo alvo era Confúcio e os valores “conservadores” que este representava. A descrição apresentada do pensador chinês era a de um aristocrata decadente que resistia ao progresso. Em 1973 os ataques a Confúcio vinham combinados com elogios ao primeiro imperador chinês, Qin Shihuang (221 A.C.) que unificara o país. Na verdade, esta campanha, além de Confúcio, tinha como alvo Lin Biao, que àquela altura era chamado de Confúcio da China contemporânea. Começava o movimento “Anti-Lin Biao e Anti-Confúcio”. Este movimento e a crítica a ambos se tornaram o centro dos debates nos grupos de estudo das universidades e instâncias do partido.

A China ainda vivia um clima de profunda instabilidade política e social. Em 1974 a luta no interior do partido recrudesceu e estava claro que a composição do Politburo e do Comitê Central sofreriam grandes mudanças. A disputa agora se dava entre os quatro líderes da Revolução Cultural ligados a Mao, composto por Yao Wenyuan, Zhang Chunqiao, dirigentes de Shanghai que iniciaram a experiência das comunas nas indústrias, Wang Hongwen, que trabalhava diretamente com Mao e Jiang Qing, esposa do líder chinês e ligada à área da cultura. Eles eram reconhecidos como dirigentes da ala radical do partido. Todos reivindicavam o pensamento de Mao e exortavam o povo chinês a aprender com Dazai, uma brigada de produção da província de Shaanxi, que era considerada um grande exemplo de luta, trabalho duro e da autoconfiança do povo chinês.

Do outro lado estavam os dirigentes que desejavam adotar uma política de desenvolvimento planejado e que promovesse um crescimento econômico mais acelerado, com acordos internacionais para acesso à tecnologia estrangeira. Este era o caso de Zhou Enlai, Chen Yun, planejador econômico que tentara desenvolver uma alternativa ao Grande Salto e que caíra em desgraça durante a Revolução Cultural. Havia ainda Deng Xiaoping e o “grupo do petróleo”, trabalhadores de Daqing que tinham chegado às fileiras dirigentes do partido e que viam na relação com o exterior a possibilidade de melhorar e ampliar a extração petrolífera chinesa.

Um destes trabalhadores, oriundos de Daqing, Yu Qiuli, que se tornara diretor da comissão estatal de planejamento, formulou um plano integrado de longo prazo para o país. O plano de 1973 estipulava importações de equipamentos estrangeiros e fábricas inteiras no valor de mais de US\$4 bilhões. As discussões do plano no interior do governo chinês elevaram o valor para US\$5 bilhões; as primeiras compras, no valor de US\$1 bilhão, foram realizadas imediatamente. Mas o país não tinha condições de manter estes valores de compras externas e em 1974 houve um recuo nesta política. Os dados sobre os anos seguintes mostram um avanço, senão nas compras, que muitas vezes diminuía, ao menos no estabelecimento de acordos com empresas estrangeiras.

“As razões para este declínio foram tanto econômicas quanto políticas. Os chineses pretendiam originalmente compensar boa parte do custo da importação de fábricas com o aumento da produção de petróleo para exportação dos campos de Daqing e com o incremento de outras exportações. O que os planejadores chineses não esperavam era a combinação de recessão e inflação no resto do mundo que, em 1974, começava a encolher o mercado para os produtos chineses e aumentar tremendamente o custo das importações tecnológicas. O resultado foi um déficit comercial de 760 milhões para 1974, o que levou a um contra-ataque arrebatado dos radicais contra o ‘culto das coisas estrangeiras’ e aqueles que seguiam uma ‘filosofia servil de agentes e potências estrangeiras.’” (SPENCE, 2000, p. 600)

Em 1975 estas políticas de importação de equipamentos e tecnologia estrangeiros eram alvo de sistemáticas críticas. Sob pseudônimos, diversos intelectuais de Beijing reivindicavam as propostas da Revolução Cultural e apontavam os equívocos econômicos e políticos do Comitê

Central do PCCh. Afinal a primeira tentativa consistente em muito tempo de estabelecer relações comerciais com empresas estrangeiras tinha se mostrado problemática. Os críticos pretendiam mostrar como a dependência externa poderia ser um entrave à construção socialista chinesa, que deveria se sustentar sobre suas próprias pernas. Além deste trabalho de divulgação de suas idéias, os partidários da Revolução Cultural permaneciam articulados e promovendo atividades de formação, discussão e mantinham uma mobilização significativa.

Mas a grande ofensiva do grupo de Deng e Zhou Enlai viria no informe sobre o trabalho do governo de 1975. É neste pronunciamento feito por Zhou Enlai que aparece, pela primeira vez, o projeto das Quatro Modernizações e a referência à necessidade de fazer avançar a modernização na agricultura, indústria, defesa nacional e ciência e tecnologia. Neste discurso, Zhou ainda reivindicava a Revolução Cultural como uma grande revolução política liderada por Mao e levada adiante pelo povo chinês contra os burgueses e exploradores, que tinha colocado em xeque os planos dos burgueses Liu Shaoqi e Lin Biao. A crítica a Lin Biao e Confúcio eram condições para aprofundar esta grande revolução, segundo Zhou.

“De acordo com as instruções do presidente Mao, no informe sobre o trabalho do governo no Terceiro Congresso Nacional do Povo, nós temos que considerar o desenvolvimento de nossa economia nacional em dois estágios começando do Terceiro Plano Quinquenal: o primeiro estágio é construir um sistema industrial e econômico completo em 15 anos, o que significa, antes de 1980: o segundo estágio é completar uma bem sucedida modernização da agricultura, indústria, defesa nacional e ciência e tecnologia antes do final do século, assim nossa economia estará avançando para os níveis mais altos do mundo.” (ZHOU, 1975, p. 6)

Ainda de acordo com Zhou, a revolução socialista era o que impulsionava o desenvolvimento das forças produtivas e era preciso que o povo chinês aderisse ao princípio de agarrar-se à revolução para assim promover a produção e o trabalho com a revolução no comando. Assegurado assim que o sistema socialista tivesse uma fundamentação material sólida.

Para Zhou Enlai, Deng seria seu sucessor natural, herdando seu cargo de primeiro ministro, o que se efetivou em 1976. Zhou sofria há anos com câncer, e neste mesmo ano, acabou morrendo. Na verdade toda a “velha guarda” do partido já estava com idade avançada e a renovação do Politburo era inescapável também por esta razão.

Foi exatamente a morte de Zhou que trouxe a primeira crise do processo sucessório chinês. Cerca de 1 milhão de pessoas participaram dos funerais; a comoção popular com a morte de Zhou era vista por muitos como uma manifestação contra a política de Mao e seus aliados. Hua Guofeng foi interinamente nomeado primeiro ministro para substituí-lo. Os antagonismos entre os dois grupos só aumentavam. Em abril, às vésperas do tradicional festival chinês de Qingming - que homenageia os mortos - milhares de chineses foram ao memorial dos mártires da revolução para

prestar homenagem a Zhou Enlai. Os chineses usavam cartazes criticando Qing Shihuang, o que era uma crítica clara ao grupo político de Mao e aos líderes da Revolução Cultural.

Os criticados acreditavam que as manifestações tinham sido orquestradas por Deng Xiaoping e seus aliados, e não demorou para que o Comitê Central emitisse uma resolução sobre a questão. Em abril o Politburo emitiu uma resolução em seu nome e de Mao Zedong destituindo Deng de todos os seus cargos (entre eles o de vice-primeiro ministro). A mesma resolução nomeava Hua Guofeng como primeiro vice-presidente do Comitê Central do PCCh e primeiro ministro do Conselho de Estado.

Em setembro do mesmo ano, falecia Mao Zedong. Hua Guofeng fez os discursos nos funerais de Mao apontando seus grandes feitos revolucionários e sua luta contra os oportunistas de direita e de esquerda no partido. Os quatro principais líderes da Revolução Cultural, e aliados de Mao, também compareceram e participaram dos funerais. Mas, no final da cerimônia, os quatro, Yao Wenyan, Zhang Chunqiao, Wang Hongwen e Jiang Qing, foram presos por ordens de Hua, sob acusação de formar uma camarilha e de atuar contra a revolução a despeito das opiniões e conselhos de Mao.

Entre outubro e novembro as acusações à “Gangue dos Quatro” - nome dado pelos dirigentes chineses ao grupo - se avolumavam. Eles foram acusados de todo tipo de crime político: de atacar dirigentes chineses, falsificar declarações de Mao, de organizar forças armadas próprias e muitas outras. Juntamente com as acusações à “Gangue dos Quatro” começaram também as críticas à Revolução Cultural. Inicialmente, estas eram dirigidas às ações dos quatro dirigentes, mas este era apenas o início da virada política que o PCCh sofreria neste período. Hua Guofeng logo foi nomeado presidente do comitê central do PCCh e presidente da Comissão de Assuntos Militares. A partir de então, ele passou a dirigir a estrutura tripartite chinesa, composta pelo Estado, pelo partido e pelo exército.

Manifestações nas duas principais cidades chinesas (Beijing e Shanghai) saudavam o novo presidente Hua, membro do setor que poderia ser chamado de centro do PCCh. Ainda em agosto de 1977, o XI Congresso do Partido Comunista Chinês declarou reabilitados diversos dirigentes que haviam caído em desgraça (termo muito usado pelos chineses) ao longo da Revolução Cultural e inicia-se um novo processo de expurgos, desta vez dos partidários da Revolução, que incluíram diversas execuções.

Como Bettelheim (1978) destacou, os recuos nos objetivos da Revolução Cultural não começaram no final de 1976. Mas é a morte de Mao, e a prisão dos quatro dirigentes ligados a ele, que funciona como o grande divisor de águas, por causa do abandono de diversas políticas, mas que começara em 1966. Para o autor é exatamente no momento em que a emulação deixa de ser um movimento de massas e passa a ser uma campanha organizada pelas cúpulas, que ela perde todo seu

caráter socialista. As mudanças nos mecanismos de mobilização de massas e a relação do partido com o povo chinês são alguns dos elementos fundamentais para compreensão do processo político da Revolução Cultural e do entendimento do papel da moral revolucionária e do comprometimento do povo chinês.

Deng Xiaoping não só voltara a ocupar cargos importantes na estrutura partidária como passara a contar com diversos aliados políticos em posições estratégicas. O centro da política adotada por este grupo dirigente estava manifesto no relatório apresentado por Zhou Enlai em 1975. Empreender a modernização chinesa, as relações com o exterior e estimular os setores que dariam suporte ou viabilizassem este processo. Ainda em 1977 Deng fez um discurso em defesa do pessoal técnico - ainda alvo de muita desconfiança por parte da população chinesa e do partido de um modo geral - destacando a importância do conhecimento para a construção socialista. Segundo Deng,

“A chave para atingir a modernização é o desenvolvimento da ciência e da tecnologia. E a não ser que nós prestemos especial atenção à educação, será impossível desenvolver a ciência e a tecnologia. Palavras vazias não levarão nosso programa de modernização para lugar nenhum; nós temos que ter conhecimento e pessoal treinado. (...) Nós temos que reconhecer nosso passado, porque apenas este reconhecimento oferece esperança. Agora parece que a China está 20 anos atrás dos países desenvolvidos em ciência, tecnologia e educação. A Restauração Meiji foi um tipo de modernização realizada pela burguesia japonesa emergente. Como proletários, nos devemos, e podemos fazer melhor.” (DENG, 1994, p. 48)

No início de 1978, as divergências e as disputas entre Hua e Deng já eram nítidas, havia claramente duas linhas vigorando no Partido Comunista e não demoraria até que elas entrassem em choque. Neste mesmo ano, Hua propusera um novo plano para a economia chinesa, ainda inspirado no “aprendizado com Dazhai e Daqing” na agricultura e indústria e estipulava taxas ambiciosas de crescimento, 10% para produção industrial e algo entre 4% e 5% para a agricultura. Não tardou até que Hua tivesse que recuar e reconhecer seu fracasso econômico.

O fracasso do plano de Hua e as disputas em torno do modelo econômico a ser adotado, se aquele inspirado na Revolução Cultural, que Hua defendia, ou o outro que propunha as Quatro Modernizações, determinaram a queda de presidente chinês. Era o início de um processo que Marconi (1999) chamou de “desmaoização” do partido e também do país. Ainda em 1978 começara a ofensiva contra o maoísmo. O partido permitiu a publicação de diversas reclamações de chineses que vinham de todo o país a respeito dos maus tratos sofridos durante a Revolução Cultural. Além de reclamações por conta das condições de vida e dos problemas com as reformas e reorganização das fábricas e comunas que haviam sido implementadas.

Aproveitando as circunstâncias, Deng conclamou os jovens a manifestarem suas divergências com os guardas vermelhos e a política do PCCh, em prol de maiores liberdades políticas e transformações econômicas. Rapidamente apareceram os primeiros *dazibaos* na

Universidade de Beijing, em um movimento que lembrava a Campanha das Cem Flores, e logo foi criado um Muro da Democracia. O movimento se espalhou pela cidade, especialmente entre os estudantes e professores, tanto universitários quanto secundários, e logo foi denominado Primavera da Beijing.

Muitos *dazibaos* pediam maior flexibilidade do governo, punições e fim da corrupção no Estado e no Partido, mas a esmagadora maioria pedia justiça e reparação pelos sofrimentos causados pela Revolução Cultural. Muitos descreviam os processos de investigação dos Guardas Vermelhos e o modo como viviam os chineses enviados ao campo para aprender com os camponeses. Também havia menções às relações com a União Soviética, a questão da Guerra do Vietnã e o desemprego na China.

Foi neste momento de grande efervescência política, que Deng tornou públicos seus “quatro princípios”: ter a construção do socialismo como objetivo, a ditadura do proletariado como regime, o Partido Comunista como direção absoluta e o pensamento de Marx-Lênin-Mao como guia. Assim que obteve o apoio necessário no partido e conseguiu expurgar os últimos defensores de Mao, Deng sufocou a Primavera de Beijing, mandando prender suas principais lideranças. Apesar do projeto de liberalização econômica que Deng defendia, as questões políticas eram, claramente, tratadas de outra forma. De todo modo, estava patente que os chineses desejavam, no mínimo, uma distensão política depois de um longo e conturbado período.

“De toda a torrente de palavras que apareceu nesse período, nenhuma manifestação teve mais impacto do que a de um jovem chamado Wei Jingsheng. Sua influência derivou um pouco de suas idéias, um pouco do título inspirado que escolheu para o seu mural de 5 de dezembro de 1978: ‘A Quinta Modernização’. Tratava-se obviamente de uma luva jogada no rosto da hierarquia do PCCh, inclusive Deng Xiaoping, que declarara as Quatro Modernizações base suficiente para a transformação da China. Wei insistia que enquanto o país não abraçasse uma quinta modernização, as outras quatro seriam ‘apenas uma promessa’. Para Wei a Quinta Modernização era a democracia, ‘o poder nas mãos das próprias massas trabalhadoras.’ (SPENCE, 2000: 618)

Wei foi um dos primeiros estudantes a serem presos, escrevia críticas duras aos quadros do PCCh e defendia a Revolução Cultural, destacando que esta mostrara a verdadeira vontade do povo chinês. Wei não estava só, este tipo de crítica veemente ao partido e mesmo às reformas econômicas que o governo acabara de iniciar eram a tônica do movimento, mas nada mobilizava mais os estudantes que a questão da democracia.

Pode-se afirmar que o processo de transição na direção do PCCh foi concluído em 1981. Entre 1978 e 1980 as bases das novas diretrizes econômicas adotadas pela China já estavam sendo assentadas, e em 1981 Hua Guofeng saiu da presidência do Comitê Central do PCCh sendo

substituído por Deng. Era o ponto final do processo de transição que se iniciara em 1976 com a morte de Mao Zedong.

6. BIBLIOGRAFIA

BETTELHEIM, C. *A China depois de Mao*, Liaboa, Edições 70, 1978.

_____. *Revolução cultural e organização industrial na China*, Rio de Janeiro, Edições Graal, 1979.

DENG X. *Problemas fundamentales de la China de hoy*. Beijing: Talleres gráficos de lenguas extranjeras, 1987.

_____. We can develop a market economy under socialism. In *Deng Xiaoping Selected Works*, Vol. II (1975-1982), Beijing, People's Daily online

<http://www.people.com.cn/english/dengxp>.

_____. Respect knowledge, respect trained personnel In *Deng Xiaoping Selected Works*, Vol. II (1975-1982), Beijing, People's Daily online.

<http://www.people.com.cn/english/dengxp>.

HOBBSAWM, E. J. *A era dos extremos. O breve século XX 1914-1991*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

LEW, MANDEL, E., ROSSI, C., ROUSSET & WU, S. *A China antes e depois de Mao*. Lisboa: Antídoto, 1977.

LOSURDO, D. *Fuga da história? A revolução russa e a revolução chinesa vistas de hoje*, Rio de Janeiro: Revan, 2004.

MAO Z. *Selected Work of Mao Tse-Tung*, Vol VIII, Kranti Publications, Secunderabad, and

Sramikavarga Prachuranalu, Hyderabad. www.marxists.org/reference/archive/mao/index.htm

_____. *O livro vermelho*, São Paulo, Global Editora e Distribuidora, 1972.

_____. *Obras Escolhidas*, Vol. IV, São Paulo, Editora Alfa-Omega, 1979.

MARCONI, V. *China la longa marcha, de la revolución a la restauración*, Buenos Aires, Editorial Antídoto, 1999.

MEDEIROS, C. A. China: entre os séculos XX e XI. In *Estados e moedas no desenvolvimento das nações*. Org. José Luís Fiori. Petrópolis, Vozes, 1999.

MEZZETTI, F. *De Mao a Deng. A transformação da China*, Brasília, Editora UNB, 2000.

POMAR, W. *O enigma chinês capitalismo ou socialismo*, São Paulo, Editora Alfa-Ômega, 1987.

QIN H., The Stolypings of China, *New Left Review*, second series, n° 20, march/april 2003.

REIS FILHO, D. A. *A construção do socialismo na China*. Ed. Brasiliense, 1981.

- SCHELL, O. e SHAMBAUGH, D. *The China reader – the reform era*. Nova York, Vintage Books, 1999.
- SHU C. S. Do Grande Salto Para Frente à Grande Fome: China de 1958-1962, In Diálogos DHI/UEM, Maringá, V. 8, n. 1, 2004.
- SMITH, R. “The Chinese Road to Capitalism”. *New Left Review*, nº199, may/june 1993.
- SPENCE, J. D. *Em busca da China moderna, quatro séculos de história*. São Paulo, Cia. das Letras, 2000.
- _____, *Mao*, Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 2000.
- STORY, J. *China corrida para o mercado*. São Paulo, Futura, 2004.
- ZHOU E. Report on the work of the government. In *Documents of the first of the Fourth National People’s Congress of the People’s Republic of China*, Beijing, Foreign Language Press, 1975.
- ZIZEK, S. (org.) *Mao sobre a prática e a contradição*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 2008.
- _____. A Utopia Liberal, In *Margem Esquerda*, n. 12, São Paulo, Boitempo Editorial, 2008.